



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

POR TRÁS DE CADA VIDA, UMA HISTÓRIA: VIVÊNCIAS DA POPULAÇÃO LGBTQ+ EM SITUAÇÃO DE RUA E PROCESSO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NA CIDADE DE SALVADOR

Franciane Paula Santana

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Resumo: O aumento exponencial da população em situação de rua revela processos de modernização nocivos que, através de fatores como a invisibilidade, a violência física e simbólica, bem como outras formas de exclusões ligadas às questões de gênero, classe, raça, idade, orientação sexual e atividade laboral, acabam descartando uma parcela da sociedade, criando testemunhas de histórias nunca vistas, instrumentos cotidianos de subversão e marginalidade. Dentro desse vasto grupo, as condições de experiência de sexualidades não hegemônicas (homossexuais, bissexuais, transexuais e travestis) possibilitam reflexão acerca da construção identitária da população LGBTQ+ em situação de rua, assim como os motivos que fomentaram sua marginalização e os sofrimentos que permeiam essa estruturação, com um público que vivencia as mais diversas formas de violência. O presente artigo propõe ressaltar essas experiências e histórias que compõem suas trajetórias, através dos relatos de moradores de rua em processo de acolhimento institucional, contemplando suas angústias e questionando a relação entre sua vulnerabilidade social atual e o rompimento dos laços familiares, partindo da análise de que existe uma intersecção de causalidade entre as duas situações, ou seja, se o fato de compartilharem com suas famílias sua orientação sexual e/ou identidade de gênero culminou na expulsão de seus lares e, conseqüentemente, na situação de rua. Busca também salientar a escassez de referenciais teóricos sobre o tema e a importância de visibilizar essa população em questão.

Palavras-Chave: População em contexto de rua; LGBTQ+; Acolhimento Institucional.

Abstract: The exponential increase in street population reveals harmful modernization processes which, through factors such as invisibility, physical and symbolic violence, and other forms of exclusion linked to gender, class, race, age, sexual orientation and labor activity, end up discarding a portion of society, creating witnesses of stories never seen, everyday instruments of subversion and marginality. Within this vast group, the conditions of experience of non-hegemonic sexualities (homosexuals, bisexuals, transsexuals and transvestites) make it possible to reflect on the identity construction of the LGBTQ+ population in street situation, as well as the reasons for their marginalization and the sufferings that permeate this structuring, with an audience that experiences the most diverse forms of violence. This article proposes to highlight these experiences and stories that compose their trajectories, through the reports of homelesses in an institutional reception process, contemplating their anguish and questioning the relationship between their current social vulnerability and the breaking of family ties, starting from the analysis that there is an intersection of causality between the two situations, that is, whether by sharing their sexual orientation and / or gender identity with their families culminated in the expulsion of their homes and, consequently, the street situation. It also seeks to highlight the scarcity of theoretical references on the subject and the importance of making this population in question visible.

Keywords: Population in street context; LGBTQ+; Institutional Hosting.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

INTRODUÇÃO

Situando-se à margem de uma organização social, o contexto de situação de rua evidencia uma população formada dos mais diversos demarcadores. Habitando espaços impensáveis no imaginário coletivo, indivíduos com inúmeros históricos de desvinculação social, econômica e afetiva, constituem-se para além das perspectivas estratégicas que idealizam a ideia de cidade. Marginalizados, crescem em seu processo de ocupação e resistência, compondo-se frente às necessidades e objetivos, aumentando significativamente o contingente, evidenciando a ineficácia de um sistema capitalista incapaz de absorver e abarcar os que dele vivem.

Privados de direitos, em situação de extrema vulnerabilidade social, vítimas das mais diversas formas de violência, essa população é invisível aos olhos da sociedade, mesmo concentrando-se em praças, espaços vagos em viadutos e lugares de passagem de maneira geral. Eles estão no percurso, mas nossos olhos ignoram essa parte do caminho, permitindo que sejam absorvidos pela paisagem.

Detentores de experiências múltiplas, vistas através de seu cotidiano, são testemunhas,

não somente de suas próprias histórias, mas de um legado oferecido por uma cidade que os expelle.

“(…) pode-se dizer que o fenômeno população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são 4 estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade. É um fenômeno que tem características gerais, porém possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No Brasil, essas particularidades são bem definidas. Há uma tendência à naturalização do fenômeno, que no país se faz acompanhada da quase inexistência de dados e informações científicas sobre o mesmo e da inexistência de políticas públicas para enfrentá-lo”. (SILVA, 2006, p.95)

As pesquisas sobre essa população ainda são escassas e não proporcionam visão aprofundada sobre a realidade, mas em 2007, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome fez um levantamento que constatou que os principais motivos que levam as pessoas a viver e morar na rua estão relacionados a problemas de alcoolismo ou drogas (35,5%), de desemprego (29,8%) e de desavenças com parentes (29,1%). Dos entrevistados, 71,3% citaram pelo menos um desses três motivos (BRASIL, 2008).

Marcada por grande desigualdade social e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

latente violência urbana, não existe levantamento que possibilite um número referente a esse grupo na cidade de Salvador. Segundo informações de pesquisa realizada pelo Projeto Axé em parceria com a Universidade federal da Bahia (UFBA), com o Movimento Nacional da População Rua e com a Defensoria Pública da Bahia, feita entre janeiro e novembro de 2017, Salvador conta com número entre 14.000 e 17.000 de pessoas em contexto de rua (GRAMACHO, 2017).

Em contraste com o Levantamento feito em 2007 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, do Governo Federal, a perspectiva da população de Rua de Salvador apresenta outra realidade. Os dados da pesquisa proposta pelo Projeto Axé apontam que o fator determinante é o problema com familiares, ressaltando que 29,4% dessa população chegaram a essa situação devido a conflitos em seus ambientes familiares, oriundos das mais diversas divergências.

Uma população específica que vem apresentando crescimento dentro desse contexto é a população LGBTQ+.

Muitas vezes, por decorrência desses conflitos familiares, acabam rompendo seus vínculos afetivos, tanto

por demanda espontânea, buscando nas ruas a liberdade em exercer sua identidade e/ou orientação sexual, quanto por serem expulsos de seus lares, em consequência da intolerância, como aponta Machado (2015):

Dessa forma, há uma tensão no seio familiar quanto à aceitação de componentes de orientação sexual e/ou identidade de gênero diferentes do padrão heteronormativo, o que contribui para que os laços entre os indivíduos familiares se deteriorem, efetuando a evasão desses indivíduos da residência, ou, em pior escala a possibilidade de violência doméstica entre outros tipos de agravos no ambiente familiar.

Público mais sujeito às violências, a população LGBTQ+ relata os abusos ainda em seus contextos familiares e, posteriormente, na vivência de rua, assim como mais susceptíveis à ingestão de álcool, bem como substâncias ilícitas. Estão mais sujeitos, também, à troca de atividades sexuais por drogas, alimentações, acolhida ou dinheiro, além da inserção na prostituição. (WHITBECK et al., 2004).

Sem levantamento fidedigno acerca da questão, não existem dados que possam precisar o quantitativo dessa população em Salvador, a não ser a presença crescente desse público em espaços de acolhimento.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Muitos contam com políticas públicas oferecidas pelo município, como Unidades de Acolhimento Institucional, porém, vale ressaltar que, embora existam programas de assistência que visem garantir os direitos e assistir esses indivíduos em suas vulnerabilidades, o número contemplado é ínfimo perto do contingente.

As portas de entrada para o acolhimento institucional através da prefeitura ocorrem através do Cuidar - Abordagem Social e Centros POP - e conduzem as pessoas interessadas ao processo de acolhimento, com principal intuito de garantir seus direitos civis, bem como possibilitar um planejamento de vida de acordo com seus interesses.

Importante explicar as funções dos setores supracitados:

A Abordagem Social concentra suas principais ações em identificar famílias ou indivíduos em contexto de vulnerabilidade, com direitos cerceados, a fim de desenvolver processo de saída das ruas e favorecer acesso à rede de serviços e benefícios assistenciais.

Já os Centros POP concentram-se no atendimento, bem como atividades direcionadas exclusivamente à população de rua, constituindo-se

espaço de referência, objetivando fortalecimento de vínculos interpessoais e/ou familiares, possibilitando a construção de novos projetos de vida.

Ambos os serviços encaminham o indivíduo em situação de rua para os espaços de acolhimento e, através dos mesmos, garantir seus direitos de cidadania, através de reintegração familiar ou programas de Benefícios Assistenciais Eventuais, tais como: Auxílio Moradia (População em situação de rua) - destina-se às pessoas ou famílias em situação de rua. Auxílio Natalidade - visa garantir a redução da vulnerabilidade social provocada por nascimento de um membro da família. Auxílio Viagem - visa garantir o retorno à cidade de origem ou visita a parentes em situação de doença ou morte em outras cidades e Estados. Auxílio Documentação - visa garantir a obtenção de documentos civis na ausência da gratuidade.

Dessa maneira, qualquer pessoa pode buscar pelos apoios supracitados buscando pelos Centros POP, ou através da Abordagem Social.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

2. METODOLOGIA

O presente artigo buscou, através de entrevistas com 3 indivíduos em situação de vulnerabilidade social, em processo de acolhimento institucional, analisar seu histórico de vida e suas trajetórias em contexto de rua, a fim de compreender suas vivências acerca dos afetos, família, trabalho e as experiências institucionais, relatando as violências sofridas do decorrer de suas histórias.

Através de suas contribuições, procurou-se evidenciar os motivos que fomentaram sua marginalização e os sofrimentos que permearam essa estruturação, questionando a relação entre sua vulnerabilidade social atual e o rompimento dos laços familiares, partindo da análise de que existe uma intersecção de causalidade entre as duas situações, ou seja, se o fato de compartilharem com suas famílias sua orientação sexual e/ou identidade de gênero culminou na expulsão de seus lares e, conseqüentemente, na situação de rua. Busca também salientar a escassez de referenciais teóricos sobre o tema e a importância de visibilizar essa população em questão.

2.1 OS PARTICIPANTES

Os participantes estão em uma Unidade de Acolhimento Institucional de Salvador mista e foram convidados a compartilhar de suas trajetórias. Através de nomes fictícios, cada histórico será apresentado com citações diretas de falas importantes que contribuem para a problematização do tema proposto. São eles: Francisco, 43 anos, homoafetivo, em contexto de rua há pelo menos 20 anos; Bárbara, 26 anos, transexual, em situação de vulnerabilidade há 3 anos; e Anna, 21 anos, transexual, em situação de rua há 4 anos.

Vale ressaltar que outras pessoas foram convidadas a participar, porém não desejaram compartilhar suas histórias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Francisco

Francisco se define como mochileiro. Saiu de casa perto dos 23 anos e conta que sua principal motivação foi o uso de crack. Com Ensino Superior Completo, lecionou durante 2 anos, mas não encontrou na sala de aula alento para suas inquietudes. Conta que nasceu em Penedo, Alagoas, mas mudou-se para São Paulo, ainda criança, com seus pais. Em São Paulo fez as primeiras descobertas acerca de sua



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sexualidade, afirmando ter, desde muito cedo, a compreensão de que se interessava afetivamente e sexualmente por homens.

“desde que eu me conheço por gente, na escolinha. Com 10, 11 anos comecei a perceber que olhava pra meninas e pra meninos, e que não era normal. Normal é, não é natural”.

Seu maior obstáculo sempre foi a aceitação, tanto dele mesmo, quanto das pessoas à sua volta. Encontrou na mãe apoio e suporte, porém seu pai nunca concordou. Relata, inclusive, uma tentativa de homicídio, em que o pai foi impedido pela mãe, quando estava enforcando-o, ainda quando criança, em decorrência de ter “um jeito mais afeminado” [SIC].

Por conta da não aceitação, chegou a morar com uma namorada, impondo-se uma relação heteronormativa. Embora tenha tido alguns relacionamentos homoafetivos, evidencia que mantinha relações com mulheres a fim de não admitir a si mesmo seu desejo exclusivo por homens.

Atribui sua saída de casa ao uso abusivo de crack, ressaltando que em nenhum momento decidiu pela desvinculação familiar em decorrência de sua orientação sexual, porém, pontua que a utilização da substância ocorreu pelo contexto familiar e os quadros de intolerância.

Em contexto de rua, conta sobre violências pontuais, salientando duas em específico, uma quando foi dopado por um indivíduo, na Argentina, e quando acordou percebeu que havia disso violentado. Era um conhecido e saíram em um grupo para se divertirem. Reflete que sabe que correu riscos maiores, fato que fez com que estivesse mais atento às suas relações sexuais, posteriormente.

“fiquei traumatizadíssimo, eu não saio com um grupo de pessoas de 4 ou mais. Sozinho, ou mais um, ainda vai. Se tiver 3, já fico mais atento”.

Outra situação ocorreu em Manaus, quando foi agredido violentamente por uma pessoa que não conhecia, ao estar andando na rua. Atribui essa agressão à homofobia.

Sobre violência institucional, relembra o caso de quando foi acolhido em um albergue em Mairiporã/SP, juntamente com um namorado. Quando o dirigente da casa soube do envolvimento, chamou os dois e informou que não poderiam permanecer acolhidos e deveriam buscar por uma instituição que assistisse especificamente essa demanda.

Em seus trabalhos, Francisco afirma não ter vivenciado violência e atribui isso ao



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

fato de seu poder de comunicação, bem como ao status acadêmico, tendo presenciado a discriminação a outros homossexuais nas mesmas atividades que ele.

Em relação a trabalho, afirma sofrer mais discriminação em relação à sua condição atual de vulnerabilidade, do que especificamente, questões acerca de sua sexualidade.

Seu maior receio, quando em situação de rua, é com a sociedade de maneira geral, já que é veemente em afirmar que a tolerância entre os indivíduos em contexto de risco social é maior. Usa como exemplo a agressão sofrida em Manaus, quando a violência partiu de um sujeito que não aparentava fisicamente qualquer vestígio de vulnerabilidade social.

Atualmente, busca estabilidade em Salvador e ainda compartilha sua dificuldade em aceitar-se. Conta que não acha natural que pessoas de mesmo sexo se relacionem, comprometendo a perpetuação da espécie.

Bárbara

Bárbara se autodenomina travesti, acolhida em uma Unidade mista como mulher, assume seu nome social e é

reconhecida através dessa figura feminina.

É natural de Maceió e conta que aos 7 anos de idade teve sua primeira relação com um menino, na época com 14. Diz que consentiu, já entendia o significado de uma relação e quis “ficar” com ele.

“nunca esqueço o nome desse menino dessas partes da minha infância, eu fiquei com esse menino e passei 7 dias sangrando, aí depois passei um tempo que eu fiquei com medo, aí minha mãe descobriu, todo mundo descobriu”

Bárbara diz que sua mãe a respeita, que já sofreu com intolerância dentro de casa, mas hoje é “dona do próprio nariz” e foi conquistando o respeito de seus familiares.

Conviveu desde muito cedo com a discriminação de vizinhos, mas sempre foi respeitada por seus irmãos terem papéis importantes da hierarquia do tráfico, diz que era só dizer o nome deles e passava a ter notoriedade e aceitação.

A partir dos 9 anos de idade começou a vestir roupas atribuídas ao gênero feminino, fato que causou desconforto inicial, mas deixa evidente que o fato foi superado rapidamente.

A partir dos 11 anos começou a tomar hormônio, que conseguia com travestis da cidade e enfermeiros que conhecia. O



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

dinheiro que viabilizava o tratamento hormonal era oriundo de favores sexuais.

“comecei a fazer programa com 12 anos de idade, (...) o povo contava pra minha mãe, mas ela não acreditava. Com 16, coloquei silicone. Saí de casa porque não queria usar roupa de homem, queria ter minhas coisas, pra isso eu tinha que fazer programa, que minha mãe só em dava roupa de homem, mas eu tinha vergonha de fazer programa na frente da minha mãe, aí eu saí”.

Ressalta ainda uma fala recorrente de seu pai sobre sua identidade de gênero: “pra você dar o caneco, não precisa dessa macacada”, refletindo a violência sofrida em sua casa, diante da incompreensão de sua família acerca de suas descobertas.

Confessa sempre ter o desejo de ser igual às travestis de sua cidade, via nelas esse significado de liberdade, mas não se sentia aceita entre as mesmas, por elas terem regras específicas. Só passou a sentir-se parte desse grupo quando colocou silicone. “O silicone me salvou” [SIC], contando sobre o silicone industrial que colocou nos seios.

Mais tarde, colocou também nas nádegas, mostrando que ele desceu pras pernas e, por fim, colocou uma prótese por conta desse acidente.

A prótese foi colocada no período em que passou por Minas Gerais,

após sua saída de casa. Diz que foi mais fácil economizar o valor necessário, já que não fazia uso de nenhuma substância na época e tinha a segurança de atuar em uma casa de prostituição.

Nesse período, sem querer entrar em detalhes sobre os motivos, foi presa e encaminhada para uma penitenciária feminina, já que afirmou ser “operada” e não confirmaram a informação. Lá, conta que usava 3 calcinhas infantis ao mesmo tempo pra poder esconder o pênis e se relacionou com uma mulher pra manter o papel. Permaneceu por 6 meses sem que qualquer pessoa desconfiasse. Depois desse período, houve uma necessidade de revista e todas as mulheres tiveram que ficar nuas. Nesse momento, Bárbara foi descoberta. Precisou ser retirada imediatamente, pois a mulher com quem se relacionava queria mata-la.

Conta que passou 45 dias “na triagem”, quarto em que permaneceu sozinha, sem alimentação, somente tomando água, segundo a mesma, como castigo pelo ocorrido. Após isso, foi transferida para um lugar com outras travestis, onde passou 5 meses.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Embora deixe evidente que se sente muito bem com a prostituição e que não se vê fazendo outra coisa, compartilha que já trabalhou em atividades melhores aceitas socialmente e sofreu discriminação. Exemplifica a experiência de atuação em um banco, sua função era de serviços gerais e, em um determinado dia, sem qualquer motivo aparente, um homem pegou a bandeja de café e jogou nela.

Afirma que sente mais controle das situações quando se prostitui, porque sabe o que esperar. “Eu me sinto bem”.

No processo de acolhimento atual, afirma sentir mais preconceito das mulheres, principalmente as evangélicas que apresentam grande intolerância à sua identidade de gênero, questionando a presença de Bárbara no quarto feminino.

Afirma também sentir problemas de aceitação de uma profissional na Instituição, que sempre questiona que se Bárbara “fosse homem, era mais bonito”. Sua maneira de se defender é evitar os plantões dessa profissional, permanecendo na rua por mais tempo, prolongando os programas.

Anna

Anna mostrou-se mais reservada. Apresentou um histórico de violência latente, com inúmeros contextos de violência.

Conta que aos 17 anos foi violentada por um tio e quando compartilhou o fato com sua mãe, nesse período, ainda identificava-se como homem e sinalizou também sua orientação sexual, a mesma a responsabilizou pelo ocorrido, expulsando-a de casa.

Deixa explicitado que não tem qualquer desejo em regressar à sua casa, ou vinculação com sua mãe, refletindo grande mágoa. Conta que seus pais não são mais casados, e que seu pai se posicionou de maneira passiva diante de sua expulsão, não cogitando em nenhum momento acolhê-lo.

Quando saiu de casa, contou sentir-se a vontade para vivenciar sua identidade de gênero, já que nunca havia se visto como homem. Embora não tenha feito a readequação de gênero, deixou o cabelo crescer e vestia-se com roupas atribuídas ao gênero feminino. É natural de Natal e foi acolhida por uma instituição em sua cidade. Lá, mesmo apresentando-se com



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

seu nome social, foi acolhida em uma instituição masculina e estuprada dentro da própria unidade por outro acolhido. Fato que a fez abandonar o acolhimento.

Uma vez nas ruas, envolveu-se com um traficante que demonstrava comportamento agressivo e possessivo. Sentia-se presa a essa relação por necessidade. Foi violentada inúmeras vezes até que, em um determinado momento, em um acesso de ira, seu companheiro raspou sua cabeça. Após o ocorrido, a mesma fugiu para Salvador.

Em Salvador, não relata ocorrência de violência, mas refere medo de estar em processo de acolhimento.

Atualmente, embora se identifique como mulher, mantém o cabelo curto e veste-se de forma a ser identificada como homem.

“eu prefiro, é mais fácil ser gay do que trans, porque o homem é mais bem aceito na sociedade”.

Dessa maneira, consegue manter-se protegida, mesmo que esconder-se seja uma violência consigo mesma.

Importante ressaltar que pouco tempo após a entrevista, Anna optou por sair da Unidade de acolhimento, afirmando não se sentir segura em ambiente institucional, em consequência à violência

sofrida no passado. Afirma sentir-se melhor nas ruas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os levantamentos acerca da População LGBTQ+ em situação de rua ainda são muito imprecisos, o que impossibilita políticas voltadas a esse público especificamente.

Infelizmente, é um quadro que aumenta consideravelmente, fato que fica evidente nos relatos supracitados, quando os participantes confirmam as violências sofridas no seio familiar, o que culmina direta ou indiretamente nos rompimentos afetivos.

Se o início de sua vulnerabilidade social ocorre concomitante às esses conflitos e desvinculações, a permanência em contexto de rua ocorre também pela não absorção no mercado de trabalho, fato que explicita não somente o preconceito acerca da orientação e identidade de gênero, mas também à situação de rua propriamente dita.

Todos deixaram evidente em seus discursos que sofrem menos violência entre os demais indivíduos em contexto de vulnerabilidade, deflagrando e refletindo a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

intolerância sentida da população que tem mais acesso às informações e à segurança de um lar.

Vale ressaltar que os trabalhos acadêmicos voltados à população LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade social ainda são escassos, promovendo inquietação acerca de pesquisas mais aprofundadas do tema.

A intolerância e os crimes de ódio têm criado monstros silenciosos em nossa sociedade, muitas dessas vítimas fazem parte de nosso cotidiano, mas sequer são enxergadas, isso fica evidente quando pesquisas e levantamentos ainda se mostram insuficientes para entender a complexidade do problema.

Se as ruas têm sido os locais onde esses indivíduos sentem-se mais seguros e propensos a vivenciarem suas realidades e completudes, algo de muito triste envolve nossas relações, olhos, ouvidos e sentidos de maneira geral.

REFERÊNCIAS

BRASIL - **Política Nacional para inclusão social da população em situação de rua.** Brasília, Maio 2008. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/inclusaooutros/aa_diversos/Pol.Nacional-orad.Rua.pdf. Acesso em 15 out. 2018.

GRAMACHO, D. **Defensoria Pública divulga pesquisa com panorama geral das pessoas em situação de rua da capital baiana.** 2017. Disponível em: <http://defensoria.ba.def.br/arquivo/noticias/defensoria-publica-divulga-pesquisa-com-panorama-geral-das-pessoas-em-situacao-de-rua-da-capital-baiana>. Acesso em: 15 out. 2018.

MACHADO, R. W. G. População LGBT em Situação de Rua: uma realidade emergente em discussão. In: **I Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social**, 2015, Londrina. I Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios Contemporâneos., 2015. p. 978-85-7846-337.

SILVA, M. L. L. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005.** 2006. 220 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília.

WHITBECK, L. B., CHEN, X., HOYT, D. R., TYLER, K. & JOHNSON, K. (2004) Mental disorder, subsistence strategies, and victimization among gay, lesbian and bisexual homeless and runaway adolescents. **The Journal of Sex Research**, 41(4), 329-342.